

CCI e Teoria Crítica como posição epistemológica do enfrentamento à desinformação e ao populismo

Anna Cristina Brisola^{I, II, III}

<https://orcid.org/0000-0002-4349-128X>

Thiago Cury Luiz^I

<https://orcid.org/0000-0003-1196-8124>

Marco André Feldman Schneider^{III, IV}

<https://orcid.org/0000-0001-5053-9491>

^I Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, Brasil

^{II} Centro Universitário Augusto Motta, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

^{III} Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

^{IV} Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil

Resumo: O objetivo deste trabalho, de natureza epistemológica, é elaborar uma reflexão acerca das possibilidades de uso da Teoria Crítica no âmbito das literacias e alfabetização midiática. Tendo como substrato praxiológico a pedagogia de Paulo Freire, o nosso intento é oferecer contributos para o enfrentamento ao fenômeno da desinformação, ao contexto da pós-verdade e aos populismos que eclodem ao redor do mundo. Para tanto, o método utilizado neste estudo é a pesquisa bibliográfica, por meio da qual levantamos e tensionamos textos relacionados aos eixos teóricos e conceituais que sustentam este artigo: Competência Crítica em Informação, Teoria Crítica, Desinformação, Pós-verdade e Populismo. Como resultado, identificamos uma convergência entre a educação midiática de base freiriana e os preceitos da Escola de Frankfurt, movimento este que sistematizamos em um mapa conceitual. Assim, concluímos que as vertentes elaboradas pelos autores frankfurtianos têm condições de embasar uma abordagem pedagógica e educativa que dê conta dos desafios impostos pelas vicissitudes do atual ecossistema comunicacional, em especial das agruras suscitadas no bojo da comunicação digital de viés desinformativo.

Palavras-chave: teoria crítica; competência crítica em informação; mapa conceitual da teoria crítica; alfabetização midiática e informacional; desinformação

1 Introdução

Diante da Sociedade da Desinformação, buscamos caminhos que colaborem com a resistência e enfrentamento à desinformação. A Ciência da Informação e da Comunicação, em muitos lugares do mundo e em alguns no Brasil, sempre andou ao lado do campo da Comunicação, não à toa são agregadas na mesma área do conhecimento. Assim, propomos um caminho para a aproximação, que já vem acontecendo, entre a Comunicação e a Ciência da Informação a partir da necessidade de enfrentamento à desinformação e ao populismo radical: a Competência Crítica em Informação (CCI).

Unindo as áreas e letramentos em um grande guarda-chuva, a UNESCO propôs a Alfabetização Midiática e Informacional (AMI). Nesta mesma trilha, a proposição é que os Letramentos e Alfabetizações Midiáticas e Informacionais acolham, da Ciência da Informação (CI), o conceito de CCI, como ferramenta útil neste embate.

Com um conceito de informação mais abrangente e estudos profundos e consolidados de usuário, mediação e organização da informação, de leitura e comportamento do usuário, a perspectiva e práxis da CI podem colaborar com conhecimentos e práticas da Comunicação com ganhos para as duas áreas e, principalmente, com aprimoramento da luta ante a desinformação. A CCI, por sua origem na Information Literacy e aproximação com a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt e com a Pedagogia Crítica, tem muitas características que podem colaborar com as iniciativas da Comunicação de enfrentamento à desinformação e ao populismo radical.

A Critical Information Literacy nasce nos Estados Unidos, por volta do ano 2000, com influência direta e assumida da Pedagogia Crítica e de Paulo Freire. Contudo, a Teoria Crítica e autores como Marx, Engels, Gramsci, entre outros, praticamente não aparecem explicitamente nas publicações. Já no Brasil, os autores que desenvolvem estudos na área, desde os primeiros textos e estudos, a partir de 2015, evocam a influência e importância da Teoria Crítica para a Competência Crítica em Informação, inclusive como marco e posicionamento epistemológico tão essencial à CCI quanto a Pedagogia Crítica.

A CCI permite e ensina a aquisição de ferramentas e consciência necessárias à absorção, seleção, avaliação e utilização crítica das informações pelos indivíduos. A CCI é compreendida:

[...] como o conjunto de habilidades construídas ao longo da vida, em aprendizado constante, mas que sublinha e afirma a importância do aporte crítico advindo da Teoria Crítica, conforme a formulação de Horkheimer e da Pedagogia Crítica desenvolvida por Paulo Freire (Brisola, 2021, p. 8).

A CCI investe nas habilidades otimizadas de busca, acesso, uso, produção e/ou compartilhamento da informação, de maneira ética e crítica, utilizando a relação da pessoa com a informação, a busca e a solução de problemas, enfatizando e problematizando a realidade pela ótica da criticidade epistemológica. A CCI sempre vai questionar a informação pelo prisma da historicidade, considerando as relações de poder e suas tensões, focando nas disputas entre opressão e justiça social, sempre buscando emancipação, transformação social e liberdade.

Para Doyle (2021, p. 20), a CCI:

[...] é, ao mesmo tempo, uma filosofia, uma prática e um objetivo constante de ensino/aprendizagem; um conjunto intersubjetivo de habilidades e disposições para lidar cotidianamente com a informação de forma autônoma e consciente em busca de uma sociedade mais justa.

Espelhada em Paulo Freire, que pretendia alfabetizar a população excluída para conscientizá-la de sua opressão e subsidiá-la para a mudança social, na época, inclusive, garantido o direito de votar, hoje a CCI pretende “alfabetizar” ou “letrar” a população para conscientizá-la da realidade informacional, que desinforma, manipula e conduz e abre espaço para dicotomias, discurso de ódio, negacionismos e populismos, e municiá-la para resistir a estas investidas.

Considerando este cenário e a importância de resistir a ele, este estudo traz, como proposta, a divulgação das bases da CCI na Teoria Crítica como contribuição às pesquisas, ensino e fomento da criticidade relacionada à CCI, auxiliando também uma abordagem crítica, no sentido epistemológico, dos

estudos gerais de Competência em Informação (Coinfo), Alfabetização Midiática, Alfabetização Midiática e Informacional e Letramentos relacionados às mídias, meios digitais e informação.

Com auxílio do Mapa Conceitual, a sistematização de pontos cruciais da Teoria Crítica para a CCI encurta e populariza o caminho para o ensino e fomento do pensamento crítico no Brasil, bem como de outros estudos de perspectiva crítica, apontando caminhos e autores a serem aprofundados. Facilita e colabora com um ensino criticizante, emancipador e de liberdade, tão importante nestes tempos de dicotomização, negacionismo, desinformação e pós-verdade, nos quais os populismos prosperam.

Sistematizar e facilitar a compreensão e o ensino da Teoria Crítica colabora com o avanço de uma educação criticizadora, com a consciência crítica e cidadã. Consequentemente estimula a resistência ao caos hiperinformacional da atualidade, acionando a curiosidade epistemológica, a percepção de que cada pessoa é um ser histórico e que tudo está subsumido às influências históricas, econômicas, sociais, geográficas, de classe etc., como postula a Teoria Crítica.

2 Bases da Teoria Crítica

A fim de apoiar a compreensão basal dos elementos da Teoria Crítica vinculados mais diretamente à CCI, de maneira didática, acrescentamos aqui o mapa conceitual da Teoria Crítica (Figura 1) apresentado por Brisola (2021). Este mapa conta com conceitos basilares da Teoria Crítica que têm correlação com a CCI, e não pretende abranger toda a grandeza da Teoria Crítica, mas lançar bases para o ensino voltado à CCI, auxiliando a formação do pensamento crítico e o desenvolvimento de novos mapas. Os conceitos estão numerados no mapa e no texto para maior facilidade de localização e correlação.

Figura 1 - Mapa Conceitual da Teoria Crítica



A compreensão do conceito de teoria adotado por Horkheimer, fundador da Teoria Crítica, é que “[...] teoria é o saber acumulado de tal forma que permita ser este utilizado na caracterização dos fatos tão minuciosamente quanto possível” (Horkheimer, 1980, p. 117), norteando o pensamento epistemologicamente crítico.

A Teoria Crítica (d1) tem seu nascedouro nos estudos do Instituto para Pesquisa Social (Institut für Sozialforschung), posteriormente popularizada como “Escola de Frankfurt”. O artigo de Horkheimer, “Teoria tradicional e teoria crítica”, publicado pela revista do Instituto em 1937, que carrega os princípios norteadores dos estudos da Teoria Crítica, costuma ser apontado como seu marco fundante. Porém Fleck (2017) e Honneth (1999) retrocedem e evocam o ano de 1931 como fundante, quando Horkheimer, em seu discurso de posse como diretor do Instituto, propõe uma guinada nas pesquisas, contrapondo o que denominavam de Teoria Tradicional (d2):

A utilização sistemática de todas as disciplinas de pesquisa da ciência social no desenvolvimento de uma teoria materialista da sociedade (d3) foi o principal objetivo da teoria crítica; assim ela pretendia superar o velho purismo teórico do materialismo histórico (d4) e reservar um lugar para a possibilidade de uma proveitosa fusão fecunda entre a ciência (d5) social acadêmica e a teoria marxista (Honneth, 1999, p. 505, marcação alfanumérica nossa).

Destacamos aqui alguns membros mais conhecidos da Escola de Frankfurt: Erich Fromm, Herbert Marcuse, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Walter Benjamin; Alfred Schmidt, Jürgen Habermas, Friedrich Pollock, Franz Neumann, Leo Lowenthal e Axel Honneth. Contudo, precisamos expor que as mulheres, embora atuantes, não obtiveram destaque no instituto e, até a atualidade, muitas delas mal são lembradas. Assim, destacamos aqui presenças femininas como Olga Lang, Käthe Leichter, Monika Pressle e Gretel Adorno (que colaborou com algumas escritas do marido). Infelizmente, nenhuma delas teve destaque ao lado dos homens do Instituto, mesmo com exemplos fortes e conhecidos de autoras críticas e engajadas, na própria Berlin, como Rosa Luxemburgo e Clara Zetkin (Torre, 2020). Certamente, Angela Davis, aluna de Adorno, é reconhecida como autora fundamental da Teoria Crítica Feminista, mas não contando com destaque no instituto.

O conceito de Indústria cultural (d11) é fundado e passa a ser objeto dos estudos da Teoria Crítica, considerando a cultura e a subjetividade, recorrendo também aos estudos da psicanálise (d12) de Freud, “[...] em especial por seu conceito de ‘identificação com o agressor’, crucial para entender o ‘enigma da docilidade’ da classe trabalhadora, que agia então de forma contrária àquilo que seriam os seus interesses racionais” (Fleck, 2017, p. 102). Os estudos de psicanálise têm influência e papel interdisciplinar cruciais para os estudos críticos, que passam a explorar:

O problema da conexão que subsiste entre a vida econômica da sociedade, o desenvolvimento psíquico dos indivíduos e as transformações que têm lugar nas esferas culturais em sentido estrito – às quais não pertencem somente os assim chamados conteúdos espirituais da ciência, da arte e da religião, mas também o direito, os costumes, a moda, a opinião pública, o esporte, as formas de divertimento, o estilo de vida etc. (Horkheimer, 1999, p. 130)

Para Fleck (2017, p. 111), as reflexões da Teoria Crítica “[...] não tratam apenas do conteúdo propriamente dito (a sociedade em seus múltiplos aspectos), mas também da forma como este conteúdo é apreendido”, perspectiva esta fundamental para a CCI e para a Pedagogia Crítica que a influencia. A Teoria Crítica critica o positivismo (d8) por sua incapacidade de compreender as complexidades dos objetos investigados, tratando, de maneira diferente da teoria tradicional, a relação sujeito-objeto:

Enquanto um abismo separa um do outro na tradicional, sujeito e objeto se codeterminam na crítica, de forma que o sujeito se torna sujeito por meio de sua confrontação com o objeto (e o mesmo pode ser dito da relação entre forma e conteúdo). Ademais, enquanto na teoria tradicional o intuito é o de classificar o objeto e, assim, torná-lo manuseável para fins de dominação da natureza, na teoria crítica o objetivo é antes o de transformar o objeto, compreendendo-o, visando tanto uma emancipação de todas as formas de dominação quanto uma reconciliação com a natureza (Fleck, 2017, p. 111).

Esta intenção de compreender, classificar e dominar o objeto de pesquisa e a própria natureza, criando um pseudoafastamento entre pesquisador e objeto, ao mesmo tempo, objetifica o mundo e as relações e coisifica (d13) as relações, a natureza e o próprio humano.

Tornando coisificado e despersonalizado, o objeto pode ser então dominado, classificado, manuseado e transformado de cima para baixo, sob uma

perspectiva ideologizada (d14) opressora e de dominação. Trata-se do que Horkheimer nomeia de racionalidade instrumental (d15), oposta à razão crítica. Ela visa a dominação da natureza (d16) bem como da humanidade. Assim, a ciência torna-se também instrumento de dominação (d17), bloqueando ou retardando a emancipação (d18).

Na Teoria Crítica, por outro lado, a intenção é confrontar sujeito e objeto, buscando na realidade (d19) as perguntas e respostas, emancipando objetos, humano, relações e natureza da dominação e propiciando uma consciência crítica da realidade, de si e da alteridade. Isso ocorre sem impor à pesquisa suas hipóteses previamente definidas, mas resgatando da realidade as possibilidades, buscando, assim, compreender os fenômenos que se apresentam. Desta maneira, intenciona a reconciliação com a natureza por meio do (re)conhecimento da interação entre humano e natureza mediado pelo trabalho (d20).

Horkheimer (1980, p. 119) explica que a Teoria Crítica não contesta o significado da teoria em geral, “[...] mas a teoria esboçada ‘de cima para baixo’ por outros, elaborada sem o contato direto com os problemas de uma ciência empírica particular”. Critica o fazer científico da sociologia na época com características dominadoras. “O caminho que a sociologia teria que percorrer seria a difícil ascensão da descrição de fenômenos sociais até comparações detalhadas, e só então a partir daí passar para a formação de conceitos gerais” (Horkheimer, 1980, p. 119).

Ao reconhecer a economia vigente e o todo cultural (d21) como produto do trabalho humano e que a organização social foi autoimposta, o sujeito crítico passa a se perceber como parte deste todo e o compreende “como vontade e razão: ele é o seu próprio mundo” (Horkheimer, 1980, p. 130). Também percebendo que este mundo não é deles, mas do capital, está posta a contradição consciente (d22) que advém desta identificação, contradição esta que caracteriza todos os conceitos do pensamento crítico (d23). O reconhecimento das categorias dominantes contém sua condenação. A razão só floresce na emancipação, nunca em uma sociedade irracional, em sujeitos alienados.

O comportamento crítico é aquele que está orientado para a emancipação, tendo como meta a transformação do todo, da realidade existente. É esta a práxis (d24), junção de teoria e prática (ação), que a Teoria Crítica persegue. Por isso, autores como Horkheimer e Marcuse:

[...] partiram do pressuposto de que as ciências empíricas – por intermédio de sua metodologia – são determinadas pelas demandas do trabalho societário; aqui, a verificação das proposições teóricas se subordina ao mesmo interesse de dominação da natureza física pelo qual a atividade do trabalho é guiada num nível pré-científico (Honneth, 1999, p. 509).

Consequentemente, a base da Teoria Crítica da sociedade pressupunha a superação da separação entre pesquisa empírica (d25) e filosófica (d26), criticava o modelo positivista e perscrutava uma pesquisa interdisciplinar, ancorada no processo histórico e no materialismo dialético (d27), consciente de seu contexto social de origem e de aplicação prática. A Teoria Crítica compreende a ciência como parte da sociedade histórica e da divisão de trabalho e objetiva a transformação da sociedade (d28).

Este espírito da Teoria Crítica se espelha em autores anteriores e propaga em autores posteriores, como Paulo Freire e a Pedagogia Crítica. Por esta razão defendemos que os estudos críticos já existiam antes da Escola de Frankfurt e seguem se atualizando depois dela. Assim a CCI é indivisível da Teoria Crítica, da Pedagogia crítica e dos estudos críticos em geral e é instrumento promissor para o enfrentamento à desinformação e aos populismos.

Fleck (2017) discute a definição e convenções da Teoria Crítica, considerando as familiaridades entre seus estudos, recordando que Horkheimer entrelaçou seu programa de pesquisa em três eixos:

- a) recusa consciente e deliberada da divisão do trabalho científico então em curso – em sentido oposto à tendência da época de especialização e separação das ciências sociais (sociologia, psicologia, economia e filosofia) –, propondo interdisciplinaridade e até uma pesquisa não disciplinar que “[...] permitisse investigar processos sociais (d29) em seus mais diferentes aspectos e, sobretudo, em seus cruzamentos”. Nesta linha cabia o entrecruzamento entre estudos sobre a economia política, o

desenvolvimento psíquico dos indivíduos e as transformações na esfera da cultura (d21). Para o que era preciso “[...] vincular a pesquisa empírica com a especulação conceitual, buscando nos detalhes indícios das grandes transformações sociais” (Fleck, 2017, p. 113,114, marcação alfanumérica nossa);

- b) o “[...] caráter fortemente materialista da crítica social elaborada pelos frankfurtianos”. O materialismo, embora considere a codeterminação entre sujeito e objeto, pondera que “[...] toda elucubração teórica é, em certa medida, secundária, posterior e mesmo oriunda de uma situação material”. Esta teoria não fetichizada ou positivista parte das insatisfações e sofrimentos humanos e teoriza, na práxis, para a transformação da realidade. Não partindo de um ideal, e, sim, da crítica às injustiças e aos “[...] sofrimentos sociais patentes que poderiam, dado o desenvolvimento técnico alcançado pela humanidade, ser abolidos por meio de transformações sociais”, observa as tendências sociais em curso, para transformá-las, alimentando a emancipação. “A teoria deve começar pela construção do diagnóstico mais preciso possível da situação social presente” (Fleck, 2017, p. 114 - 115);
- c) a práxis – o objetivo da Teoria Crítica é prático, de transformação – “[...] trata-se de uma teoria que se vê como um instrumento para emancipação dos homens daquelas situações que os exploram, oprimem e dominam”. Cabe à Teoria Crítica conscientizar as pessoas, principalmente os oprimidos (d30), de “[...] sua situação objetiva para que não cooperem com as forças que as oprime”. O caminho é confrontar as visões de mundo e evidenciar que o sofrimento, o fracasso pessoal, as injustiças são consequências do sistema dominante, socialmente determinados (Fleck, 2017, p. 115).

O teórico crítico é engajado, porque ele não se separa como cientista da realidade social. “Assim, a teoria crítica se caracteriza também pelo alto nível de reflexividade: trata-se de uma teoria que precisa ser consciente de suas intervenções, do contexto e das relações de força em que está inserida, da divisão do trabalho social e dos males decorrentes dela” (Fleck, 2017, p. 116).

Horkheimer defendia que é impossível o deslocamento total do objeto e cientistas, da sociedade e da historicidade:

Tanto a fecundidade de nexos efetivos recém descobertos para a modificação da forma do conhecimento existente, como a aplicação desse conhecimento aos fatos são determinações que não têm origem em elementos puramente lógicos ou metodológicos, mas só podem ser compreendidos em conexão com os processos sociais reais (Horkheimer, 1980, p. 121).

A representação tradicional da teoria abstrai o funcionamento da ciência como parte integrante da divisão de trabalho e o fato que a atividade científica é executada como todas as demais atividades sociais, crescentemente subsumida ao capital nos últimos 200 ou 300 anos. Assim, projeta não a função real da ciência nem o significado da teoria para a existência humana, mas apenas o que significa nas condições históricas (d31) em que é feita:

Na verdade, a vida da sociedade é um resultado da totalidade do trabalho nos diferentes ramos de profissão, e mesmo os seus ramos, e dentre eles a ciência, não podem ser vistos como autônomos e independentes. Estes constituem apenas particularizações da maneira como a sociedade se defronta com a natureza e se mantém nas formas dadas. São, portanto, momentos do processo de produção social, mesmo que, propriamente falando, sejam pouco produtivos ou até improdutivos (Horkheimer, 1980, p. 123).

As formas e divisões do trabalho são produto de determinadas sociedades e emergem de seus modos de produção, não são relações naturais, muito menos eternas. A sociedade burguesa, falseando autonomia no processo de trabalho, fabrica a ilusão de liberdade dos sujeitos econômicos, produzindo o pensamento burguês. “Eles são expoentes do mecanismo social invisível, embora creiam agir segundo suas decisões individuais” (Horkheimer, 1980, p. 123).

Três eixos estruturais destacam-se na Teoria Crítica: a historicidade dos sujeitos cognoscentes (homem histórico(d32)) e dos objetos cognoscíveis; a totalidade dos fenômenos sociais (que impossibilita o estudo dos fenômenos sociais isolados do contexto) e os tensionamentos constantes presentes na sociedade (Araújo, 2013).

Para a Teoria Crítica, desde que o ser humano existe, o mundo natural é também fruto da práxis humana – o trabalho, visão de mundo e ser no mundo. É impossível separar humanos e história, o trabalho é a força motriz da história. Agindo sobre o mundo externo e modificando-o, modificamos nossa própria natureza. Ser-no-mundo, para Leonardo Boff (2005, p. 30), “[...] significa uma forma de estar presente, de navegar pela realidade e de relacionar-se com todas as coisas do mundo. Nessa navegação e nesse jogo de relações, o ser humano vai construindo o próprio ser, a autoconsciência e a própria identidade”.

A visão de mundo também é consequência inseparável do processo social e de seu desenvolvimento através do tempo. “Os fatos que os sentidos nos fornecem são pré-formados de modo duplo: pelo caráter histórico do objeto percebido e pelo caráter histórico do órgão perceptivo” (Horkheimer, 1980, p. 125). Assim, “[...] o saber aplicado e disponível está sempre contido na práxis social” (Horkheimer, 1980, p. 125).

Segundo Marx (2001, 2011), o humano forjou sua história até aqui, nada é natural ou predestinado. Se cada indivíduo e a soma destes indivíduos em comunidades e na sociedade constroem consensos de verdade que guiam a vida e consensos de interesses que fundam e controlam essa vida, isso está sujeito, em alguma medida, ao arbítrio humano e às negociações de consenso e hegemonia, por força, por restrição, por manipulação ou por dialogia.

O que temos visto com frequência é a manipulação e a força dicotômica sobrepujando a dialogia e controlando o discurso e as crenças, isolando os indivíduos em bolhas que acirram as ideologias e dicotomias por restrição. Assim as negociações de consenso acontecem sem diálogo com o opositor e descartando dissidentes, gerando negociações de consenso guiadas por uma falsa ideia de hegemonia e pertencimento, afastando, cada vez mais, o pensamento crítico e o apego à verdade.

Por esta razão acreditamos que quanto mais investirmos em dialogia, curiosidade epistemológica, pensamento crítico e CCI, melhor serão as relações com as informações, com o conhecimento e maior a consciência coletiva e social. Os consensos seriam mais baseados em investigações profundas e criteriosas das informações e fatos, logo mais aderidas e preocupadas com a

realidade. Estaríamos apostando em consensos mais justos, que buscariam reduzir a distância entre os privilegiados opressores e os outros, os oprimidos (d33).

A separação entre indivíduo e sociedade é eliminada na Teoria Crítica, que sempre considera as influências da divisão do trabalho e de classes. Segundo Honneth (1999), a Teoria Crítica busca situar e aplicar a filosofia da história materialista ao seu tempo, considerando que “o potencial para a razão incorporado nas forças produtivas é liberado continuamente em conflitos sociais”. Portanto, é essencial examinar quais são exatamente os mecanismos que impedem o surgimento dos conflitos das lutas de classe (d34) e como ocorrem essas influências e negociações. Honneth destaca que a pesquisa de Horkheimer estava focada no processo de integração da classe trabalhadora no sistema societário capitalista, voltando suas pesquisas para a seguinte questão: “[...] como ocorrem os processos mentais que permitem que as tensões entre as classes sociais, que são impulsionadas para o conflito devido à situação econômica, possam permanecer latentes?” (Horkheimer, 1932¹ *apud* Honneth, 1999, p. 511).

O pensamento crítico se caracteriza pela contradição entre a consciência da ação no mundo, unida à atividade individual como práxis, e a submissão da vida às divisões de classe, trabalho e ao capital. Consequentemente, essa corrente teórica se esforça para examinar o mundo ao seu redor de forma crítica, focando nos poderes (d35) e estímulos que afetam até mesmo a produção científica/acadêmica. É também ela mesma práxis e consequência do fator político (d36) inerente a este tipo de pesquisa, que tem intenção de superar as tensões e eliminar a oposição entre “[...] a consciência dos objetivos, espontaneidade e racionalidade, inerentes ao indivíduo, de um lado, e as relações do processo de trabalho, básicas para a sociedade, de outro” (Horkheimer, 1980, p. 132). É, portanto, função do teórico e da teoria crítica a práxis emancipadora e libertadora.

Se “[...] o cientista tem que conceber e classificar os fatos em ordens conceituais e dispô-los de tal forma que ele mesmo e todos os que devem utilizá-los possam dominar os fatos o mais plenamente possível” (Horkheimer,

1980, p. 123), nós, como cientistas da atualidade, estamos cumprindo essa função de socialização e uso das informações que produzimos e difundimos? Sem considerar as características críticas e de CCI de nossos possíveis interlocutores, para além de nossos pares, não cumprimos essa função da ciência crítica plenamente. Aprisionaremos informações e conhecimento entre paredes douradas, sem dividir este conhecimento com a sociedade, tampouco aprimorando os cidadãos. Fazemos assim uma ciência de cima para baixo que deixa a práxis crítica de fora e colabora com a rejeição de parte dos cidadãos comuns à ciência. Abrimos espaço para o negacionismo, crenças obscuras, manipulações e desinformação.

3 Desinformação, pós-verdade e populismo

O fenômeno da desinformação, tal como o conhecemos hoje, tornou-se objeto de investigação científica em 2016, mesmo ano em que o termo “pós-verdade” foi eleita a palavra do ano pelo Dicionário Oxford.

De acordo com Wardle e Derakhshan (2017), a desordem informacional pode ser caracterizada por três elementos: *misinformation*, que se trata de uma informação errada disseminada sem a intenção de prejudicar alguém; *disinformation*, que é uma informação falsa com a intenção de atingir uma pessoa ou instituição; e *malinformation*, uma informação genuína, capaz de causar danos à imagem de alguém.

Sendo a informação falsa uma das manifestações da desinformação, Recuero e Gruzd (2019) estabelecem outras três definições para o fenômeno: (1) uso da narrativa jornalística e de manifestações noticiosas; (2) falsear total ou parcialmente uma narrativa; e (3) a intenção de enganar. Ferreira (2018) acrescenta a finalidade política e lucrativa das informações fraudulentas.

Consideramos que a desinformação nem sempre é falsa, carregando partes da verdade ou mesmo usando verdades de maneira distorcida, descontextualizada ou manipulada com intenção de enganar, como apontam Volkoff (1999), Chomsky (2014). A desinformação também utiliza crenças e afetos, aderindo fortemente às convicções do sujeito, em “efeito de influência contínua”, dificultando a reformulação do pensamento mesmo depois de

receberem e aceitarem a correção, “grudando”, como coloca Lewandowsky *et al.* (2020).

Na visão de Santaella (2019, p. 29), “[...] notícias falsas costumam ser definidas como notícias, estórias, boatos, fofocas ou rumores que são deliberadamente criados para ludibriar ou fornecer informações enganadoras”. Allcott e Gentzkow (2017) e Nascimento (2020) também abordam esta questão pelo viés da intencionalidade.

O contexto da pós-verdade, por sua vez, é definido pela percepção da realidade com base em crenças e opiniões (Recuero; Gruzd, 2019), e não por elementos factuais, tornando a verdade pouco relevante (Seixas, 2019) e reforçando preconceitos (Dunker, 2017; Braga, 2018; Lelo; Caminhas, 2021). É característica dos tempos atuais o engajamento com informações que despertem medo, asco e raiva, demonstrando que a relação com a mensagem compartilhada tem menos a ver com a veracidade do que com a conveniência a certas convicções (Bruno; Roque, 2019; Seixas, 2019), o chamado “viés de confirmação” (Sunstein; Quattrociocchi; Scala, 2016).

Assim, “[...] a pós-verdade é, antes de tudo, uma verdade contextual” (Dunker, 2017, p. 15), sendo “[...] mais importante quem está falando, com seu carisma e estilo, do que argumentos, demonstrações ou provas de qualquer autoridade anônima que se apresenta como desinteressada” (Dunker, 2017, p. 20).

Por isso, Dunker (2017) argumenta que observações corretas, interpretações plausíveis e fontes confiáveis podem compor uma narrativa que, em seu conjunto, não é verdadeira, “[...] o que confere ao fenômeno da pós-verdade traços para além da velha mentira política” (Seixas, 2019, p. 129).

Outro vetor a ser considerado, na visão de Bucci (2019), é o funcionamento dos algoritmos, que dá origem às bolhas. De acordo com o autor, elas aprisionam o sujeito em multidões que pensam como ele, compartilhando apenas ideias semelhantes, em um espaço impermeável ao dissenso. Essas interdições acabam por fazer das redes sociais espaços propícios à disseminação de populismos e negacionismos:

Os três fenômenos – fake news, desinformação e negacionismo – podem vir à luz a partir de intenções independentes, mas podem, igualmente, ser potencializados e agir conjuntamente, de maneira interdependente, valendo-se dos efeitos poderosos das ferramentas comunicacionais que a tecnologia atual oferece (Boarini; Ferrari; 2021, p. 39)

Do ponto de vista do populismo, trata-se de um conceito vago, sendo difícil definir o sentido, justamente por possuir muitas características (Laclau, 2005). De acordo com o autor (2005, p. 35), “[...] diz-se que o populismo simplifica o espaço político, ao substituir uma série completa de diferenças e determinações por uma dicotomia grosseira cujos dois pólos são necessariamente imprecisos”.

Laclau (2005) reflete que os particularismos na demanda geram uma cadeia de equivalência, cuja dimensão antiinstitucional é destacável. Em torno do líder, portanto, é criada uma dimensão homogênea que catalisa as heterogeneidades dos “de baixo” (Laclau, 2005, p. 156). “O elemento central da democracia populista é a crença de que a vontade geral deveria ser implementada sem quaisquer restrições. Nada é mais importante do que a vontade geral das pessoas” (Mudde, 2007, p. 151).

Segundo Canovan (1999, p. 3), “[...] os movimentos populistas envolvem algum tipo de revolta, em nome do povo, contra a estrutura de poder estabelecida. O populismo desafia não apenas os detentores do poder, mas também os valores de elite”. Por este motivo, Mazzoleni e Bracciale (2018) destacam três vetores do populismo: apelo ao povo, ataque às elites e ostracização dos outros.

Esses movimentos, demonstrados no estudo dos autores sobre a atuação de candidatos italianos no Facebook, são potencializados nas e pelas redes sociais. Cesarino (2022) argumenta, a partir do paradigma da cibernética, que as plataformas são receptivas a manifestações antiestruturais, como negacionismos e populismos, em função dos elementos que compõem a sua arquitetura.

Assim, Cruz (2019), Amaral e Santos (2019) e a própria Cesarino (2022) concordam a respeito de um processo de desintermediação, na medida em que o ator político, por exemplo, não chega mais ao público pela cobertura jornalística ou pelo trabalho da mídia tradicional. Ao mesmo tempo, é razoável pensarmos

em reintermediação, posto que esta relação se dá na mediação feita, agora, pelas redes.

Aqui, evidencia-se um embate pelo fluxo informacional entre as novas plataformas e os veículos mais antigos, tendo no jornalismo um de seus sustentáculos. Por esta razão, o antagonismo à imprensa está presente nas narrativas falaciosas que circulam nas redes, embora os mimetismos (Bucci, 2019), reconhecendo que o jornalismo ainda é espaço de credibilidade, também se façam presentes, como observou Cury Luiz (2023a; 2023b; 2024).

Entendendo que a desinformação promove teorias da conspiração, negacionismos, populismos e, no limite, pode ser um entrave à democracia, as iniciativas de alfabetização midiática e informacional, sob uma vertente crítica, são alternativas de resistência. “As “narrativas alternativas” podem ser combatidas com uma aposta na educação para os media que aborde criticamente a complexidade do atual ecossistema mediático” (Brites; Amaral; Catarino, 2018, p. 4).

Nesta proposta, a pedagogia sugerida por Freire (2013; 2014; 2018) é considerada revolucionária pelo seu histórico e tida por nós como uma referência para futuras intervenções. Isso porque, sendo capaz de preparar os indivíduos à leitura do mundo, não se converteria em artifício para agir depois que a desinformação estivesse cristalizada. “Na teoria dialógica da ação, os sujeitos se encontram para a transformação do mundo em co-laboração” (Freire, 2014, p. 227), sem a necessidade de “transferir conhecimento” (Freire, 2018, p. 24), já que a função de quem educa é “[...] proporcionar, através da relação dialógica educador-educando educando-educador, a organização de um pensamento correto em ambos (Freire, 2013, p. 68). Um pensamento crítico no sentido posto pela Teoria Crítica, como fomentado pela CCI.

4 Outros desafios do nosso tempo

A ciência não está acima da vida em sociedade ou das condições históricas. Tampouco os cientistas são imunes à divisão do trabalho, pelo contrário, são partes integrantes e atuantes desta divisão. Até mesmo os cálculos ou as ciências

mais exatas sofrem influência da historicidade e da sociedade, ainda que os cientistas afirmem e pensem agir de forma imparcial e objetiva.

Perplexos com a docilidade e submissão da classe oprimida ao opressor e ao sistema capitalista, os pesquisadores buscaram a interdisciplinaridade com a psicanálise e a psicologia, forjando conceitos como “personalidade autoritária” (Adorno, 2019) e “identificação com o agressor” (Ferenczi, 2011). A ascensão de Hitler na Alemanha em 1933 despertou a atenção sobre a operação da ideologia nas massas que provoca uma coesão social suficiente para permitir a dominação política. Como se dá o mecanismo de interiorização que permite que a maioria oprimida aceite a opressão impetrada por uma minoria dominante?

Da mesma maneira nos vemos horrorizados hoje com o retorno de grupos aos ideais nazistas, em convivência com fascistas, racistas e “personalidades autoritárias”, mesclados com grupos populistas. Estampadas em jornais, em vídeos que circulam nas redes sociais, destrinchados em estudos e documentários, estes conceitos: “personalidade autoritária” e “identificação com o agressor”, mais do que nunca precisam ser resgatados nos estudos e ações educativas que pretendem compreender e resistir à desinformação. Necessário também perceber suas relações com a Indústria Cultural que hoje desfila propaganda em velocidade e alcance pelas vias digitais.

O conceito Indústria Cultural é explicado como o complexo de empresas de produção e comercialização de entretenimento, que configuram cultura de massa e, cooptadas pelo capitalismo, tornam-se maneiras de dominação e condução. Na concepção de Adorno e Horkheimer, a cultura de massa difere da cultura popular e da cultura erudita, por ser fabricada como recurso capitalista de venda de uma forma inferior de arte, que também serve à função de manter o controle sobre a população.

A perspectiva é de que é papel da Indústria Cultural disponibilizar entretenimento, disfarçado de cultura e arte, padronizado e homogeneizado, de forma simplificada, agradável e de fácil consumo imediato. Essa indústria massificaria a arte e inculcaria ideais da classe dominante, desviando a atenção de problemas sociais de sua época. Trabalharia também sobre o estado de consciência e inconsciências dos indivíduos, cultivando falsas necessidades

psicológicas atendidas e satisfeitas por produtos do capitalismo, determinando o consumo. Exemplo desta atuação são as inserções publicitárias em filmes de cinema. A cultura se torna um bem de consumo com mercadorias e estratégias de controle social, culminando no que Debord conceituou como Sociedade do Espetáculo (d39), a qual exacerba o fetichismo e a alienação (d40).

Da mesma forma e com as mesmas táticas, a desinformação é espalhada hoje, de maneira muito mais eficiente e rápida nas vias digitais, alcançando pessoas de todo globo e inculcando ideologias radicais, populistas, dicotômicas etc, afetando a dinâmica social e política, ameaçando democracia e chamando de democratas governos que mostram garras totalitárias. Tudo isso com apoio das massas que, sem contato com meios de fomentar o pensamento crítico, ficam à mercê de táticas lucrativas de desinformação. Afinal, o dissenso, conteúdos negativos e discurso de ódio geram mais lucro nas redes sociais (Gabrig; Aguiar, 2023).

Na intenção de facilitar ainda mais a compreensão dos conceitos, seu ensino, recuperação e uso, sugerimos consulta ao Quadro Termos e conceitos básicos na Teoria Crítica, na tese de Brisola (2021), que sistematizou alguns conceitos básicos. Foram considerados os autores mais citados e basilares da Teoria Crítica, corroborados Dicionário do Pensamento Marxista, de Bottomore (1998), pelo Dicionário Gramsciniano, de Liguori e Voza (2017), pelo Dictionary of Critical Theory – Oxford, de Ian Buchanan (2018) e em leituras complementares dos autores e de comentadores. O quadro traz na primeira coluna o termo utilizado no mapa, na segunda coluna o resumo do conceito e na terceira coluna, exemplos de referência de autores que tratam ou utilizam o conceito.

Consideramos que conhecer as bases epistemológicas da CCI é necessário para sua didática e práxis. Não existe aqui a pretensão de esgotar os termos, mas colaborar com alguma sistematização didática de parte da Teoria Crítica mais intimamente relacionada à CCI, e que podem ser utilizados também em estudos de outros objetos e áreas.

5 Considerações finais - Por que investir na Teoria Crítica e na CCI?

Na era em que a comunicação interpessoal está cada vez mais mediada por dispositivos móveis, a humanidade enfrenta o desafio de explorar recursos altamente tecnológicos, mas que, ao mesmo tempo, ensejam possibilidades de desinformação em massa.

Este cenário provoca os campos da Comunicação, da Ciência da Informação e da Educação a encontrarem táticas de resistência que incorporem outros paradigmas na busca do arranjo pedagógico capaz de dar conta dos enfrentamentos que precisam ser feitos no presente momento.

Em razão disso, o objetivo principal deste trabalho, de natureza teórico-reflexiva, foi elaborar uma articulação entre os preceitos da Teoria Crítica e as bases de uma alfabetização midiática calcada em Paulo Freire, que, em seu conjunto, pudessem dar conta dos obstáculos que estão postos na ordem do dia, considerando os contextos não apenas informacionais, mas, igualmente, os de origem política. Esta perspectiva pode reforçar o pensamento crítico e forjar a resistência à opressão e à desinformação, reforçando o exercício da cidadania.

A práxis da CCI exige definição, posicionamento, decisão e ruptura, exatamente por se assumir não neutra, em alinhamento com suas bases epistemológicas. Posicionar-se como um estudo crítico é não se conformar, afirmar ser contra as injustiças e perseguir a mudança. É estar engajado na luta contra o autoritarismo, a falta de empatia, a cegueira, objetificação, alienação, desinformação. Refinando a percepção do que chamamos de “outros” e até do que chamamos de “nós”.

Dentre os resultados do presente estudo, identificamos elementos interseccionais entre a Teoria Crítica e os pressupostos da Competência Crítica em Informação. Esta articulação, manifestada em um mapa conceitual, é capaz, como concluímos, de oferecer contributos a uma proposta de alfabetização midiática que confronte o fenômeno da desinformação, antes que a mentira se consolide em crença.

A CCI vai buscar a emancipação sociopolítica e a autonomia, alicerçando-se na Teoria Crítica e na Pedagogia Crítica e, por isso, pensa em uma práxis que atravessa tanto a educação formal quanto a informal, com ênfase

na criticidade epistemológica. A CCI vai, necessariamente, questionar a informação em sua historicidade, considerando as tensões das relações de poder, com foco nas disputas entre opressão e justiça social. A CCI deve sempre almejar e estimular a transformação social, a liberdade e a emancipação em consonância com suas bases epistemológicas.

Investir no ensino da Teoria Crítica é educar um olhar mais amplo e crítico da realidade, fomentar a passagem do pensamento ingênuo para o pensamento epistemológico, é alimentar o pensamento crítico, a emancipação, a consciência de si, do outro, do mundo, é apostar na coletividade e na práxis. Na perspectiva da pesquisa é ampliar o rigor na busca da realidade, questionando o todo que a perpassa, além de produzir uma ciência voltada à práxis, a mudança da realidade opressora.

Investir na CCI é estar alinhado com o tempo presente, atento às relações pessoas-informação e todas as consequências desta relação. É educar para o pensamento crítico, para um olhar desconfiado e atento para a informação. A CCI, associada à comunicação, educação midiática, educação formal e informal, prepara as pessoas para lidarem com a informação e suas distopias atuais. Auxiliando os indivíduos a tratarem eticamente a informação, estimulando o aprendizado contínuo, a curiosidade epistemológica e a pesquisa, sempre de maneira crítica.

Investir, portanto, na Teoria Crítica e na Competência Crítica em Informação é investir em um olhar mais contextualizado, dialógico, dialético e atento ao seu tempo. É propagar o pensamento crítico, a perspectiva crítica e a desconfiança sobre a informação. Estar atento e sempre perguntar sobre a informação: Em que contexto ela foi forjada e está sendo disseminada? Qual a qualidade da fonte? Quais interesses e crenças ela carrega? Onde, geograficamente, ela foi construída? Sob que historicidade? Quais realidades e opressões a atravessam e influenciam? Quais seus propósitos? Enfim, vasculhar a informação e a realidade fortalece a resistência às distopias informacionais e acura a visão de mundo. É promover uma Educação, Alfabetização e Letramento Midiático que promove também o pensamento crítico e o agir crítico.

Financiamento

Bolsista CAPES de pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso (Anna Brisola).

Referências

- ADORNO, Theodor. **The authoritarian personality**. London: Verso books, 2019.
- ALLCOTT, Hunt; GENTZKOW, Matthew. Social media and fake news in the 2016 Election. **Journal of Economic Perspectives**, Nashville, v. 31, n. 2, p. 211-236, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1257/jep.31.2.211>. Acesso em: 5 fev. 2025.
- AMARAL, Inês; SANTOS, Sofia J. Algoritmos e redes sociais: a propagação de fake news na era da pós-verdade. In: FIGUEIRA, João; SANTOS, Silvio (org.). **As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Manifestações (e ausências) de pensamento crítico na Ciência da Informação. **BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, Rio Grande, v. 27, n. 2, p. 9-30, 2013.
- BOARINI, Margareth; FERRARI, Pollyana. A desinformação é o parasita do século XXI. **Organicom**, São Paulo, v. 17, n. 34, p. 37-47, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-2593.organicom.2021.170549>. Acesso em: 5 fev. 2025.
- BOFF, Leonardo. O cuidado essencial: princípio de um novo ethos. **Inclusão Social**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 28-35, 2005.
- BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BRAGA, Renê Moraes Costa. A indústria das fake news e o discurso de ódio. In: PEREIRA, Rodolfo Viana (org.) **Direitos políticos, liberdade de expressão e discurso de ódio**. Belo Horizonte: IDDE, 2018. v. 1, p. 203-220.
- BRISOLA, Anna Cristina. **Competência crítica em informação como resistência à sociedade da desinformação sob um olhar freiriano: diagnósticos, epistemologia e caminhos ante as distopias informacionais contemporâneas**. 2021. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro; Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2021.

BRITES, Maria José; AMARAL, Inês; CATARINO, Fernando. A era das “fake news”: o digital storytelling como promotor do pensamento crítico. **Journal of Digital Media & Interaction**, Aveiro, v. 1, n. 1, p. 85-98, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.34624/jdmi.v1i1.928>. Acesso em: 5 fev. 2025.

BRUNO, Fernanda; ROQUE, Tatiana. A ponta de um iceberg de desconfiança. *In*: BARBOSA, Mariana (org.). **Pós-verdade e fake news: reflexões sobre a guerra de narrativas**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

BUCCI, Eugênio. **Existe democracia sem verdade factual?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.

BUCHANAN, Ian. **Dictionary of critical theory**. 2nd ed. Oxford: Oxford University. 2018.

CANOVAN, Margaret. Trust the people! Populism and the two faces of democracy. **Political studies**, Thousand Oaks, v. 47, n. 1, p. 2-16, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/1467-9248.00184>. Acesso em: 5 fev. 2025.

CESARINO, Letícia. **O mundo do avesso: verdade e política na era digital**. São Paulo: Ubu, 2022.

CHOMSKY, Noam. **Mídia: propaganda política e manipulação**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

CRUZ, Francisco B. Fake news definem uma eleição? BARBOSA, Mariana (org.). **Pós-verdade e fake news: reflexões sobre a guerra de narrativas**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

CURY LUIZ, Thiago. Desinformação eleitoral em plena campanha: nuances de pós-verdade e populismo no coração da democracia brasileira. **Estudos em Comunicação**, Covilhã, n. 38, p. 60-85, 2024.

CURY LUIZ, Thiago. O combate à desinformação sobre a tentativa de golpe: intercorrências de pós-verdade, populismo e fact-checking. **Galáxia**, São Paulo, 48, 2023a. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-2553202362879>. Acesso em: 5 fev 2025.

CURY LUIZ, Thiago. Desinformação e pós-verdade nas redes: negacionismo e teorias conspiratórias na concretude da vida. **Revista de Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 32, p. 586-612, 2023b. Disponível em: <https://doi.org/10.29286/rep.v32ijan/dez.15414>. Acesso em: 24 fev. 2025.

DOYLE, Andréa. **Competências em informação, mídia e tecnologias digitais e a desconstrução de estereótipos de gênero: práticas de ensino críticas**. 2021. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicação,

Universidade Federal do Rio de Janeiro; Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2021.

DUNKER, Christian. Subjetividade em tempos de pós-verdade. *In*: DUNKER, Christian *et al.* **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017.

FERENCZI, Sándor. Confusão de língua entre os adultos e a criança: a linguagem da ternura e da paixão. *In*: **Obras completas: Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FERREIRA, Ricardo Ribeiro. Rede de mentiras: a propagação de fake news na pré-campanha presidencial brasileira. **Observatório**, Lisboa, v. 12, n. esp., p. 139-162, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.15847/obsOBS12520181272>. Acesso em: 24 fev. 2025.

FLECK, Amaro. Afinal de contas, o que é teoria crítica? [After all, what is critical theory?]. **Princípios: Revista de Filosofia**, Natal, v. 24, n. 44, p. 97-127, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/1983-2109.2017v24n44ID12083>. Acesso em: 24 fev. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 58 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 48 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 16 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GABRIG, Patrícia Souza; AGUIAR, Leonel Azevedo. Desinformação e obtenção de lucro: análise do uso da propaganda computacional por sites de informações falsas. **Observatório de la Economía Latinoamericana**, São Carlos, v. 21, n. 11, p. 20545-20565, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.55905/oelv21n11-107>. Acesso em: 24 fev. 2025.

HONNETH, Axel. Teoria crítica. *In*: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (org.). **Teoria social hoje**. São Paulo: Ed. UNESP, 1999. p. 503-552.

HORKHEIMER, Max. Teoria tradicional e teoria crítica. São Paulo: Abril Cultural, 1980. Coleção Os Pensadores.

HORKHEIMER, Max. A presente situação da filosofia social e as tarefas de um instituto de pesquisas sociais [1931]. **Praga: Estudos Marxistas**, João Pessoa, n. 7, p. 121-132, 1999.

LACLAU, Ernesto. **On populist reason**. London: Verso, 2005.

LELO, Thales Vilela; CAMINHAS, Lorena Rúbia Pereira. Desinformações sobre gênero e sexualidade e as disputas pelos limites da moralidade.

MATRIZES, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 179-203, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v15i2p179-203>. Acesso em: 24 fev. 2025.

LEWANDOWSKY, Stephan *et al.* **The Debunking Handbook**. [S. l.: s. n.]: 2020.

LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale (org.). **Dicionário gramsciano (1926-1937)**. São Paulo: Boitempo, 2017.

MAZZOLENI, Gianpietro; BRACCIALE, Roberta. Socially mediated populism: the communicative strategies of political leaders on Facebook. **Palgrave Communications**, New York, v. 4, n. 50, p. 1-10, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1057/s41599-018-0104-x>. Acesso em: 24 fev. 2025.

MARX, Karl. “Introdução”. In: **Grundrisse - manuscritos econômicos de 1857-1858**: esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. 18 ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 2001. Livro I.

MUDDE, Cas. **Populist radical right parties in Europe**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

NASCIMENTO, Glês Cristina. **A circulação de desinformação no whatsapp durante a campanha eleitoral de 2018**. 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Sociedade) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade, Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2020.

RECUERO, Raquel; GRUZD, Anatoliy. Cascatas de fake news políticas: um estudo de caso no Twitter. **Galáxia**, São Paulo, n. 41, p. 31-47, 2019. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/1982-25542019239035>. Acesso em: 24 fev. 2025.

SANTAELLA, Lucia. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.

SEIXAS, Rodrigo. A retórica da pós-verdade: o problema das convicções. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, v. 18, n. 1, p. 122-138, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.17648/eidea-18-2197>. Acesso em: fev. 2025.

SUNSTEIN, Cass R.; QUATTROCIOCCI, Walter; SCALA, Antonio. Echo Chambers on Facebook. **Harvard Public Law Working Paper Forthcoming**, Cambridge, p. 1-15, 2016. (no prelo). Disponível em: <http://doi.org/10.2139/ssrn.2795110>. Acesso em: 24 fev. 2025.

TORRE, Bruna Della. A escola de frankfurt e as mulheres ou, por uma teoria crítica feminista. **Marxismo Feminista**, [s. l.], 14 set. 2020.

VOLKOFF, Vladimir. **Une petite histoire de la désinformation**: du cheval des Troie à Internet. Monaco: Editions du Rocher, 1999.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information disorder**: toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. Strasbourg: Council of Europe, 2017.

CIL and Critical Theory as an epistemological positioning from confronting disinformation and populism

Abstract: In order to contribute to the teaching, research and improvement of Media Literacy, proposing attention to Critical Information Competence as a tool to combat disinformation and populism. It proposes that it is necessary to compile and develop its theoretical and epistemological bases, highlighting the concepts to be taught, observable points and the characteristics to be trained in subjects to encourage Critical Information Competence, emancipation and to citizenship. This is the effort of this article, in order to collaborate with the strengthening of theoretical and applied studies emerging around the notion of Critical Information Competence as a tool for combating misinformation, as well as assisting with pedagogical guidance, associated with Critical Theory, in a didactic and objective way, encouraging in-depth study, but, at the same time, systematizing the main terms and concepts of Critical Theory more closely with Critical Information Competence in a conceptual map.

Keywords: critical theory; critical information literacy; conceptual map of critical theory; media and information literacy; disinformation

Declaração de autoria

Concepção e elaboração do estudo: Anna Cristina Brisola

Coleta de dados: Anna Cristina Brisola (em estudo bibliográfico)

Análise e interpretação de dados: Anna Cristina Brisola, Marco André Feldman Schneider e Thiago Cury Luiz

Redação: Anna Cristina Brisola, Marco André Feldman Schneider e Thiago Cury Luiz

Revisão crítica do manuscrito: Anna Cristina Brisola; Marco André Feldman Schneider e Thiago Cury Luiz

Declaração de disponibilidade de dados

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo, incluindo uma tabela de termos, está disponível em Brisola (2021).

Autoria para correspondência

Anna Cristina Brisola
anna.brisola@gmail.com

Editor-chefe

Thiago Henrique Bragato Barros

Como citar

BRISOLA; Anna Cristina; CURY LUIZ, Thiago; SCHNEIDER, Marco André Feldman. CCI e Teoria Crítica como posição epistemológica do enfrentamento à desinformação e ao populismo. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 32, e-147696, 2026. DOI: <https://doi.org/10.1590/1808-5245.32.147696>

Parecer(es) aberto(s):

<https://doi.org/10.1590/1808-5245.32.147696A>

<https://doi.org/10.1590/1808-5245.32.147696B>

Recebido: 24/05/2025

Aceito: 10/11/2025

Copyright (c) 2026 Anna Cristina Brisola, Thiago Cury Luiz, Marco André Feldman Schneider. Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/). Autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY 4.0), que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria. Os artigos são de acesso aberto e uso gratuito.



¹ HORKHEIMER, Max. Geschichte und psychologie. *Zeitschrift für Sozialforschung*, Frankfurter, v. 1, 1932. *Apud* Honneth,(1999).